

DUAS MULHERES E UMA EXPERIÊNCIA: A NARRATIVA DUALISTA DE CHIMAMANDA ADICHIE¹

*Rosanne Bezerra de Araújo**
rosanne.bezerra@ufrn.br
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

*Júlio César de Araújo Cadó***
julioccado@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

*Maria Clara Costa Menezes da Rocha****
mariaclararocha@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Este artigo analisa o conto “Uma experiência privada”, de Chimamanda Adichie, ressaltando não somente a estética narrativa da autora, mas também as temáticas abordadas em seus enredos. O impasse entre religiões, culturas, países e etnias é um marco constante em suas histórias. No conto que elegemos para estudo, privilegiamos o encontro, a união e a ternura da experiência humana trocada entre as duas personagens. Em lugar de ressaltar a diferença, este estudo defende a reconciliação entre povos e culturas, como frisa a própria autora em suas ficções e ensaios. Seguimos o pensamento crítico de autores como Pascale Casanova, Frantz Fanon e Homi Bhabha que nos esclarecem sobre situações conflituosas e antagônicas na sociedade contemporânea. O resultado deste estudo aponta para uma possível mediação entre a identidade individual e o quadro geral da sociedade. De fato, o texto literário une o que a realidade social insiste em separar.

Palavras-chave: narrativa de conflito; experiência privada; reconciliação.

1 Introdução

¹ O presente trabalho foi realizado, parcialmente, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES-Print) - código de financiamento 001.

* Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

** Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com bolsa CAPES. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

*** Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). Especialista em Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa (UFRN).

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar o conto “A private experience” (“Uma experiência privada”), da autora nigeriana contemporânea Chimamanda Ngozi Adichie (1977-). O conto faz parte das doze histórias que compõem o livro *The thing around your neck (No seu pescoço)*, publicado em 2009. Todos os enredos dessa obra são narrados por indivíduos que relatam acontecimentos em suas famílias, na sociedade em que vivem, expressando diversos conflitos e diferentes visões do continente africano. Inicialmente, destacaremos as publicações da autora e abordaremos a poeticidade de sua narrativa, especialmente no livro *No seu pescoço*, para em seguida focarmos na análise do conto escolhido para estudo.

Adichie recebeu premiações e se distingue como um sucesso na literatura mundial, tendo sua obra publicada em vários países, traduzida em várias línguas, e inserida no panorama maior de circulação da literatura nigeriana ao lado de nomes como Chinua Achebe e Buchi Emecheta. Seu primeiro livro, *Purple hibiscus (Hibisco roxo)*, publicado em 2003, projetou a autora na ficção abordando questões polêmicas acerca de dogmas religiosos que são instaurados em uma família nigeriana. O segundo romance, *Half of a yellow Sun (Meio sol amarelo)*, foi publicado em 2006 e obteve o *Orange Prize* para ficção em 2007. *The thing around your neck (No seu pescoço)* foi o seu terceiro livro composto por contos que discutem temas como imigração, preconceito e demais conflitos sociais vividos pelos personagens. *Americanah* (2013) é uma ficção que revela a busca pela identidade como mulher negra, da protagonista Ifemelu, uma personagem que passa a conhecer melhor si mesma e a sua cultura quando vai morar nos Estados Unidos. *Americanah* traz a questão do racismo entre África, Estados Unidos e Europa, conquistando a premiação do *National Book Critics Circle*.

Além da produção ficcional, Adichie também é autora de textos de caráter ensaístico, nos quais ela discute questões relevantes no horizonte de discussão contemporâneo, como relações de gênero e colonialidade, e que, por vezes, dialogam com sua narrativa de ficção. Esse é o caso dos livros: *Sejamos todos feministas, Para educar crianças feministas* e *O perigo da história única*, que também pode ser encontrado como conferência². Mais recentemente, durante o período da pandemia, foi publicado *Notas sobre o luto*, em que a escritora reflete sobre a perda do pai.

² Ver a conferência da autora no The Ted Talks Channel, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 04 maio 2023.

Em sua obra como um todo, estão presentes discussões sobre gênero, racismo, religião, violência, abuso de poder, corrupção, opressão, e tantas outras temáticas contemporâneas que tolhem o ser humano, tornando-o paralisado, semelhante a um animal acuado, em meio a uma sociedade hostil. O título do livro de contos, tema deste estudo, expressa bem o incômodo presente em cada narrativa: a impressão que temos de ter uma coisa em volta do nosso pescoço, apertando a nossa garganta e dificultando a passagem de ar.

Os doze contos de *No seu pescoço* revelam experiências de indivíduos cujas características realçam os diferentes contextos culturais presentes no território nigeriano. Esse aspecto ganha relevo no conto analisado neste artigo, uma vez que aborda a experiência única de duas mulheres, que trazem, em sua caracterização, marcas subjetivas próprias, expondo tanto aspectos das culturais locais da Nigéria como da diáspora nigeriana, dispersa em direção a diferentes países do mundo. Nosso objetivo é demonstrar como a escritora consegue engendrar no conto “Uma experiência privada” a multiplicidade de relações percebidas na sociedade nigeriana, verificando o tensionamento das relações humanas e culturais a partir das protagonistas da narrativa curta.

Para isso, após estas breves considerações introdutórias, o artigo se desenvolve por mais quatro seções, modalizando a escala das lentes utilizadas para analisar a ficção de Chimamanda Adichie. Na seção “Narrativa poética e questionadora”, focalizamos o volume de contos *No seu pescoço*, destacando alguns aspectos recorrentes e norteadores da macroestrutura do livro. Na sequência, em “‘Uma experiência privada’ – breve descrição do conto”, ampliamos nosso olhar sobre o conto estudado nesta investigação, buscando realçar as principais notas do enredo e linhas composicionais presentes na narrativa. De forma complementar, na seção “Privacidade compartilhada”, construímos a análise do conto com base no movimento de aproximação vivenciado pelas personagens em meio ao cenário de conflito. Por fim, nas “Considerações finais”, tencionamos evidenciar os laços entre vida e ficção na trama contemporânea.

2 Narrativa poética e questionadora

Quando pensamos no papel da literatura, vêm logo a nossa mente as palavras de Olga Tokarczuk: “Acho que a literatura, enquanto processo incessante de contar

histórias sobre o mundo, oferece, mais do que qualquer outra coisa, a possibilidade de apresentá-lo de uma perspectiva que inclua a totalidade das influências e relações mútuas” (2023, p. 26). Trazendo esse entendimento da função da literatura para a obra da autora nigeriana, observamos como os contos de *No seu pescoço* descortinam diversos pontos de vista, revelando a possibilidade de mais de uma narrativa a ser contada, oferecendo ao leitor uma concepção mais ampla da nossa compreensão diante de fatos sociais, possibilidade esta potencializada pela escrita ficcional.

Na obra de Adichie, vemos a literatura como palco para a representação dos conflitos na sociedade. Nesse palco, as vozes narrativas revelam uma dimensão aberta da consciência, questionando e problematizando a realidade perante temas como a liberdade, a alienação, a visão feminista, a dominação e a servidão. Na sociedade contemporânea, cada vez mais dividida em bolhas, um indivíduo (ou determinado grupo) dificilmente terá a oportunidade de viver a experiência do outro ou de cultivar empatia por aquilo que é considerado diferente de sua vivência particular. A escrita de Adichie procura orientar e sensibilizar o nosso olhar para um exercício de alteridade.

A estilística obstinada da narração na segunda pessoa do singular, em alguns contos de *No seu pescoço*, tende a provocar uma aproximação do leitor, convidando-o a adentrar o universo ali relatado. Trata-se de um procedimento raro na narração, uma técnica que liga o leitor à história e o torna consciente de uma realidade talvez desconhecida para ele e tantos outros leitores. É exatamente esse acercamento ao leitor que observamos na narrativa homônima ao título da obra. Boa parte dos parágrafos iniciam com o pronome “você”, como vemos no trecho que abre esse conto:

Você pensava que todo mundo nos Estados Unidos tinha um carro e uma arma; seus tios, tias e primos pensavam o mesmo. Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano, eles lhe disseram: daqui a um mês, você vai ter um carro grande. Logo, uma casa grande. Mas não compre uma arma como aqueles americanos (Adichie, 2017, p. 125, grifos nossos).³

³ You thought everybody in America had a car and a gun; your uncles and aunts and cousins thought so, too. Right after you won the American visa lottery, they told you: in a month you will have a big car. Soon, a big house. But don't buy a gun like those Americans (Adichie, 2010, p. 115).

Nesse conto, apesar do uso da segunda pessoa, o discurso é remetido à própria narradora do conto, uma jovem nigeriana que emigra para os Estados Unidos. O movimento de saída é lido por sua família como um vetor de ascensão social, uma vez que as condições de vida deixadas para trás, no caso da narradora, não são as melhores. Para isso, ela é inicialmente recebida por um homem a quem chama de “tio”, apesar de ele não ser um parente. No entanto, poucos dias após a chegada ao novo país, aquele que deveria acolhê-la mostra-se um abusador, assediando a jovem. Por isso, em uma decisão imediata, ela opta por deixar a casa e iniciar um percurso solitário pelos Estados Unidos, passando a trabalhar como garçomete a um preço inferior ao que deveria ser pago.

Sozinha, ela também não tinha condições para escrever para a família e contar a verdadeira realidade encontrada no almejado “modo de viver americano”, sentimento marcado pela vontade reiterada de escrever para seus pais: “Quis escrever [...]” (Adichie, 2012, p. 128). Isso significaria provocar uma ruptura também nas expectativas gestadas pelos familiares que não partiram. Trabalhando no restaurante, a narradora do conto confronta diferentes faces do racismo e da xenofobia da sociedade norte-americana. Por exemplo, ela afirma que inúmeras vezes fora questionada sobre o dia em que tinha chegado da Jamaica, uma vez que “achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano. Alguns que adivinhavam que você era *africana* diziam que adoravam *elefantes* e queriam fazer um *safari*” (Adichie, 2017, p. 130, grifos nossos). Desse excerto, depreendemos a visão estigmatizada ao redor das populações negras, primeiro como se todas essas pessoas fossem originárias de um mesmo lugar, no caso jamaicanas, e, especificamente com relação ao continente africano, a leitura reduzida desse conjunto de países e suas respectivas (e plurais) culturas.

De fato, a influência americana é percebida ao longo de todo o livro. Não somente na história “No seu pescoço”, como também em outras, o leitor depara-se com narradores que sonham em obter o *greencard*. No conto “Na segunda-feira da semana passada”, temos o exemplo de Kamara e seu marido. Ele é residente nos Estados Unidos e ela, recém-chegada ao país, trabalha como babá na casa de Neil:

[...] ela contara a Neil que tinha um mestrado, que havia acabado de chegar aos Estados Unidos para encontrar o marido, e que queria ganhar algum dinheiro como babá enquanto esperava que seu pedido por um *greencard*

fosse processado para obter um visto de trabalho de verdade (Adichie, 2017, p. 85)⁴.

Para além da influência do modo de vida americano, a questão da imigração entre África e Estados Unidos é um forte tema na obra *No seu pescoço*, além de temas ligados ao preconceito racial, às questões de gênero, conflitos religiosos, relacionamentos amorosos e expectativas frustradas dos personagens. Ainda, a autora nigeriana, por meio de seu viés crítico e político, expõe e denuncia a alienação dos “turistas” que visitam o continente africano e reproduzem a visão estereotipada da maneira como eles enxergam a África. É o que vemos no conto “Jumping Monkey Hill” ao abordar o comportamento dos “estrangeiros ricos” que se põem admirados com os lagartos da paisagem africana:

Ujunwa achou estranho que o Workshop para Escritores Africanos fosse ali, em Jumping Monkey Hill, nos arredores da Cidade do Cabo. O nome em si já era absurdo e o resort tinha a complacência dos bem alimentados, era o tipo de lugar onde, imaginava ela, turistas estrangeiros ricos corriam de um lado para o outro tirando fotos de lagartos, para depois voltar para casa ainda sem ter muita consciência de que, na África do Sul, havia mais negros do que lagartos de cabeça vermelha (Adichie, 2017, p. 105).⁵

A escolha de um resort exótico afastado da realidade social nigeriana, cercado pelo mar turquesa, e que oferece aos turistas a possibilidade de ver lagartos pela paisagem ou macacos nas copas das árvores, revela a visão que os próprios organizadores do evento desejam passar para os visitantes – uma cidade para o turista ver. Nesse espaço, a artificialidade é encontrada nos próprios nigerianos ricos, a exemplo de um dos idealizadores do Workshop, Edward Campbell, cujo sotaque aprimorado tentava imitar os britânicos, mas que ao fazê-lo soava um tanto ridículo. A crítica da autora expõe a triste realidade de hotéis luxuosos e praias particulares tão comuns no turismo contemporâneo que procura esconder qualquer episódio local que possa causar desconforto ou estranhamento aos seus hóspedes. Uma visão do continente africano cristalizada nos discursos etnocêntricos é questionada por Chinua

⁴ She told Neil that she had a master’s degree, that she had recently arrived in America to join her husband and wanted to earn a little money babysitting while waiting for her green card application to be processed so that she could get a proper work permit (Adichie, 2010, p. 76).

⁵Ujunwa found it odd that the African Writers Workshop was held here, at Jumping Monkey Hill, outside Cape Town. The name itself was incongruous, and the resort had the complacency of the well-fed about it, the kind of place where she imagined affluent foreign tourists would dart around taking pictures of lizards and then return home still mostly unaware that there were more black people than red-capped lizards in South Africa (Adichie, 2010, p. 95).

Achebe ao propor uma leitura diferenciada do clássico inglês *No coração das trevas*, de Joseph Conrad. Para o escritor nigeriano,

nos familiarizamos demais com a África criada pelo ‘Coração das trevas’ de Conrad, por sua longa linha de antecessores que remonta ao século XVI e seus sucessores de hoje na mídia impressa e eletrônica. Essa tradição inventou uma África onde nada de bom acontece ou jamais aconteceu, uma África que ainda não foi descoberta e está à espera do primeiro visitante europeu para explorá-la, explicá-la e consertá-la — ou, mais provavelmente, morrer tentando (Achebe, 2012, p. 89).

Embora a literatura de países africanos tenha se tornado mais conhecida e debatida ao longo dos anos, uma vez que a ascensão dos Estudos Culturais trouxe visibilidade para as teorias críticas pós-modernas nas quais o pós-colonialismo e o feminismo estão inseridos, sabemos que ainda permanece um certo desconhecimento do público. Mesmo reconhecendo que o campo dos estudos literários e da teoria crítica têm divulgado as publicações, as premiações e as pesquisas na área da literatura e cultura africanas, faz-se necessário explorar os textos e divulgá-los a fim de ampliar a fortuna crítica de seus autores e valorizar uma cultura que durante séculos foi silenciada e trancada no baú da indiferença mantido fechado pelas culturas hegemônicas e centralizadoras.

No caso do espaço brasileiro, ainda que as universidades e os cursos de Letras ofereçam os debates acerca das literaturas africanas em língua portuguesa, seria interessante realizar a abertura para a discussão sobre as literaturas produzidas, originalmente, em outras línguas ou ainda em perspectiva comparatista. É preciso, portanto, ampliar a circulação global da literatura africana, cujas raízes foram tratadas com desdém pela cultura dita erudita e tradicional das grandes nações literárias.

Ao escrever sobre a dominação dos grandes centros, Pascale Casanova critica o que sempre foi considerado “universal” pela tradição eurocêntrica, mostrando que a pretensão pelo universal, exigido pelos grandes centros, na prática não cultivava nada de universal, uma vez que segregava e hostilizava a produção cultural dos demais continentes. Como bem afirma a autora de *A República mundial das Letras*,

o universal é de certa forma uma das invenções mais diabólicas do centro: em nome de uma negação da estrutura antagonista e hierárquica do mundo, sob o pretexto de igualdade de todos em literatura, os detentores do monopólio do universal convocam a humanidade inteira a se dobrar à sua lei. O universal é o que declaram adquirido e acessível a todos, contanto que se pareça com eles. (Casanova, 2002, p. 194).

É com esse olhar crítico de Casanova que investigamos a narrativa de Adichie. Das experiências privadas de seus personagens, conseguimos apreender uma visão profunda, pois sua escrita revela a verdade do povo africano. Por meio de enredos que enfatizam o cotidiano dos indivíduos, em diversos contextos, o leitor percebe a diversidade cultural da África, retirando máscaras e estereótipos impostos pelas grandes nações.

No livro *O local da cultura*, Homi Bhabha (2014, p. 20) convida o leitor a repensar a desigualdade no mundo. Podemos dizer que a noção de “entre-lugares”, marca do autor na produção de sua obra, é uma constante nos contos de Adichie, pois, em sua maioria, os personagens encontram-se entre duas religiões, duas culturas, dois países, duas formas de interpretar a realidade, de modo que os indivíduos apresentam uma subjetividade em construção.

Em sua escrita, Bhabha oferece uma reflexão sobre a dificuldade encontrada pelo sujeito contemporâneo de intercambiar valores e experiências. Tal intercâmbio deveria ser colaborativo e dialógico, no entanto, muitas vezes, essa troca de experiências entre os indivíduos e as nações revela-se fortemente antagônica e conflituosa. Já em relação à narrativa “Uma experiência privada”, observamos o êxito da autora nigeriana em destacar a união, a generosidade e a gentileza apesar do antagonismo presente nas duas personagens do conto, como veremos adiante.

Além de Casanova (2002) e Bhabha (2014), o pensamento do estudioso Frantz Fanon (2008) contribui de forma decisiva para a nossa compreensão do conjunto de ilusões e fragilidades que compõem a situação dos países que atualmente são ex-colônias, pois os mesmos ainda sofrem a forte influência da dominação ideológica estrangeira, como bem pudemos observar em cada conto de *No seu pescoço*.

3 “Uma experiência privada” – breve descrição do conto

No título da história já colhemos a informação de que estamos diante de uma vivência individual e íntima, algo que dificilmente pode ser compartilhado. No entanto, a palavra “privada” também traz o sentido de impedimento, de privação. Desse modo, as personagens podem ter tido uma experiência única, mas essa mesma vivência pode ter privado essas mulheres de liberdade, ainda que por um instante. O título já traz, em si, a dupla interpretação do vocábulo. Trata-se de uma experiência individual que tolhe a liberdade das duas pessoas diante do fato ocorrido.

O conto é narrado em terceira pessoa, porém trata-se de uma narração que vai muito além do relato onisciente que expõe os personagens e os fatos. O narrador não só descreve e registra tudo à sua volta, como também adentra na consciência da personagem Chika, expondo as suas impressões mais subjetivas. Configura-se, portanto, como uma voz narrativa que tem acesso aos pensamentos e ao espaço privado da intimidade dos sentimentos da moça. O enredo se passa na cidade de Kano, na Nigéria. Chika e sua irmã, Nnedi, estudam na Universidade de Lagos. A primeira frequenta a faculdade de medicina, já a segunda cursa ciências políticas. As duas decidem passar as férias em Kano com uma tia. A história tem início em *media res* já no ápice da onda de violência que se instaura no mercado de rua onde as duas irmãs fazem compras. Observemos o primeiro parágrafo do conto que traz a personagem fugindo da violência, buscando um local seguro:

Chika entra primeiro pela janela da loja e segura a veneziana aberta enquanto a mulher vem atrás. A loja parece estar abandonada desde muito tempo antes do começo da onda de violência; as fileiras de prateleiras vazias de madeira estão cobertas por uma poeira amarela, assim como os contêineres de metal empilhados num canto (Adichie, 2017, p. 50).⁶

A narrativa traz a experiência de Chika ao se encontrar diante do tumulto provocado pelo confronto entre muçulmanos e cristãos. A estudante comprava laranjas no mercado com a sua irmã quando tudo aconteceu. Ao ver as pessoas gritando e correndo, ela se perde de Nnedi e corre pela cidade até se deparar com uma rua estreita na qual encontra uma mulher muçulmana que também fugia do mercado em busca de um esconderijo. A mulher encoraja-a a pular a janela de uma loja vazia e, juntas, enfrentam as horas de tensão e espera, para muito depois seguirem em segurança para suas casas. O confronto na rua se alonga. Pessoas correndo e gritando são ouvidas fora da loja. Chika e a senhora passam a noite dentro do pequeno estabelecimento. Mais adiante, o leitor terá conhecimento do motivo do conflito. A onda de violência ocorre devido ao ataque de muçulmanos *hausas* a cristãos *igbos*. Estes eram atingidos a machadadas, além de serem apedrejados.

Tudo aconteceu no estacionamento, quando um homem passou de carro sobre um exemplar do Alcorão que estava no acostamento, um homem que, por acaso, era igbo e cristão. Os homens que estavam ali por perto, homens

⁶ Chika climbs in through the store window first and then holds the shutter as the woman climbs in after her. The store looks as if it was deserted long before the riots started; the empty rows of wooden shelves are covered in yellow dust, as are the metal containers stacked in a corner (Adichie, 2010, p.43).

que passavam o dia inteiro jogando damas, homens que, por acaso, eram muçulmanos, o arrancaram da picape, cortaram sua cabeça com um golpe de machadinha e o levaram até o mercado pedindo que outros se juntassem a eles, pois o infiel tinha profanado o livro sagrado (Adichie, 2017, p. 53).⁷

Semelhante a uma câmera, registrando tudo passo a passo, o leitor vai se habituando ao enredo, tendo acesso à informação aos poucos, por meio de um narrador que revela as cenas de violência. A escrita do conto alterna entre os parágrafos nos quais o narrador relata o motim, fazendo com que o leitor tome conhecimento do motivo da confusão na rua, e os demais parágrafos que descrevem a experiência das duas personagens dentro da loja, ainda sem terem acesso ao desfecho da realidade lá fora. É como se o leitor estivesse fora e dentro da cena, fora (na rua) e dentro da loja vazia (onde permanecem as duas mulheres).

Privada de sair do lugar para seguir em busca de sua irmã, Chika encontra-se por um longo tempo dentro do abrigo com a senhora muçulmana, aguardando o retorno da paz nas ruas. Verificamos que a narrativa apresenta alternância entre o tempo presente (a espera na loja), o pretérito (o que se passou nas ruas e Chika só o saberá quando deixar o esconderijo) e o futuro (a previsão dos fatos, por meio do narrador). Em vários parágrafos, iniciados pelo advérbio “mais tarde” (*later*), o narrador onisciente antevê a paisagem futura com a qual Chika irá se deparar após o término da onda de violência:

Mais tarde, ela vai ver as carcaças de carros queimados, com buracos com bordas denteadas no lugar das janelas e para-brisas, e imaginará esses carros espalhados pela cidade como fogueiras de piquenique, testemunhas silenciosas de tanta coisa. Vai descobrir que tudo aconteceu no estacionamento [...] (p. 53).

Mais tarde, Chika irá esquadrinhar os necrotérios dos hospitais à procura de Nnedi; irá a redações de jornais levando uma foto delas [...] (p. 54).

Mais tarde, quando Chika lamentar que ela e Nnedi tenham decidido pegar um táxi até o mercado só para ver um pouco da cidade ancestral de Kano, perto do bairro da tia [...] (p. 58).

Mais tarde, a família irá mandar rezar diversas missas para que Nnedi esteja viva e bem [...] (p.59).

Mais tarde, quando Chika e a tia saírem procurando por toda Kano, com um policial no banco da frente do carro com ar-condicionado, ela verá outros

⁷[...] it had all started at the motor park, when a man drove over a copy of the Holy Koran that lay on the roadside, a man who happened to be Igbo and Christian. The men nearby, men who sat around all day playing draughts, men who happened to be Muslim, pulled him out of his pickup truck, cut his head off with one flash of a machete, and carried it to the market, asking others to join in; the infidel had desecrated the Holy Book (Adichie, 2010, p. 46).

corpos, muitos queimados, deitados no acostamento, ao longo da rua, como se alguém os tivesse dispostos com cuidado, colocando-os em linha reta (p. 61).

Mais tarde, Chika lerá no *The Guardian* que “os muçulmanos reacionários do norte, falantes da língua hausa, têm um histórico de violência contra não muçulmanos” [...] (p. 62). (Adichie, 2017, grifos nossos)⁸

A retórica do narrador em adiantar o desfecho para o público, deixando implícito, por exemplo, que Chika nunca mais encontrará Nnedi, implica na concretização dos fatos conforme demonstram os verbos conjugados no futuro (“Ela colará cópias da foto nos muros do mercado e das lojas próximas. Não encontrará Nnedi”) (Adichie, 2017, p. 54).⁹ Ao final do conto, estamos seguros a respeito daquilo que Chika vê quando o narrador passa a enxergar tudo através da percepção da personagem. Por não ser contado de forma linear, o enredo inicia no ápice do conflito com todos correndo do mercado (“Cuidado! Eles estão vindo, ô! Já mataram um homem!”) (Adichie, 2017, p. 52)¹⁰, para, em seguida, os fatos serem revelados, gradativamente, para o leitor.

Alternando entre os parágrafos que sinalizam para o quadro futuro da realidade nas ruas que será visualizado por Chika, temos agora o quadro do presente (a espera dentro do esconderijo), revelando a interioridade das duas mulheres que permanecem abrigadas no pequeno espaço. Tudo o que as duas têm de concreto são os seus pensamentos e sentimentos. O momento presente da “experiência privada” e da troca humana entre as duas funciona como um intervalo para o conflito, uma pausa para a violência lá fora.

A experiência única e verdadeira do encontro das duas revela-se na gentileza trocada entre elas, apesar das diferenças culturais e religiosas. Ambas permanecem

⁸Later she will see the hulks of burned cars, jagged holes in place of their windows and windshields, and she will imagine the burning cars dotting the city like picnic bonfires, silent witnesses to so much. She will find out it had all started at the motor park, [...] (p. 45-46). Later, Chika will comb the hospital mortuaries looking for Nnedi; she will go to newspapers offices clutching the photo of herself and Nnedi [...] (p. 47). Later, when Chika will wish that she and Nnedi had not decided to take a taxi to the market just to see a little of the ancient city of Kano outside their aunt’s neighborhood [...] (p. 51). Later, the family will offer Masses over and over for Nnedi to be found safe [...] (p. 52). Later, when Chika and her aunt go searching throughout Kano, a policeman in the front seat of her aunt’s air-conditioned car, she will see the other bodies, many burned, lying lengthwise along the sides of the street, as though someone carefully pushed them there, straightening them (p. 53). Later, Chika will read in *The Guardian* that “the reactionary Hausa-speaking Muslims in the North have a history of violence against non-Muslims” [...] (p. 55) (Adichie, 2010).

⁹ She will tape copies of the photo on the walls of the market and the nearby stores. She will not find Nnedi (Adichie, 2010, p. 47).

¹⁰“Riot! Trouble is coming, oh! They have killed a man!” (Adichie, 2010, p. 45).

unidas, preocupadas uma com a outra, independente de uma delas ser de origem muçulmana e a outra cristã. Todo o enredo da história gira em torno do conflito entre o povo cristão *igbo* e o povo muçulmano *hausa*, na Nigéria. Desse modo, percebe-se o contraste elaborado por Adichie ao colocar, separadas apenas pelas paredes da pequena loja, as relações que se dão nas fronteiras entre as relações humanas, mediadas pela cultura.

As duas personagens principais do conto são apanhadas no meio de uma explosão de violência num motim de rua. Ironicamente, o mesmo ato de violência que separa os cidadãos de Kano, devido às diferenças religiosas, consegue unir a senhora e a estudante, envolvendo-as numa atmosfera de interdependência e cooperação. Eis um procedimento que merece destaque no universo literário da autora nigeriana. De forma tocante, Adichie une duas pessoas de culturas, religiões, classes sociais e idades diferentes, colocando-as uma ao lado da outra, vivenciando o medo e a incerteza como resultados da intolerância entre os homens. O mesmo e único ato de violência religiosa que é responsável por segregar indivíduos é, ao mesmo tempo, capaz de unir duas mulheres de idades e contextos diferentes, provando, assim, que a temática dualista é frequente na narrativa da escritora. Em *O local da cultura* (2014), um dos temas discutidos por Bhabha é o estereótipo de culturas formado pelo discurso de poder que promove a superioridade de um grupo sobre o outro. Alinhada a esse pensamento, a narrativa de Adichie foge da construção estereotipada das etnias (*hausa* e *igbo*) e busca uma trégua do conflito por meio do encontro entre as duas personagens, mostrando que ambos os lados constituem a Nigéria.

Vejamos a caracterização das duas personagens do conto, de modo a ressaltar a relação sutil e delicada que se desenvolve entre elas, reforçando que as diferenças deveriam ser eliminadas para que a troca humana prevalecesse, promovendo a união e a tenacidade diante de um mundo moldado pela violência, intolerância e dominação de um povo sobre outro, uma etnia sobre outra, um país sobre outro, um continente sobre outro. O encontro dessas mulheres representa, portanto, uma resistência e aponta para a possibilidade de um mundo onde possa prevalecer a paz e a igualdade.

Chika é uma estudante de medicina, cristã *igbo*, de família privilegiada, porém sem o orgulho e a afetação da classe à qual pertence. A senhora é uma feirante, vendedora de cebolas, muçulmana *hausa*, de classe humilde, de baixa escolaridade. Além dos índices linguísticos, religiosos e culturais que apontam para o pertencimento das duas personagens, a narrativa de Adichie apresenta elementos recorrentes para

marcar os locais de pertencimento de cada uma. Enquanto Chika tem acesso a bens materiais e simbólicos, como lemos neste excerto inicial do conto “Ela não acrescenta que a bolsa era da Burberry, uma original, que sua mãe comprara numa viagem recente a Londres” (Adichie, 2017, p. 50)¹¹, em que a marca da bolsa é colocada em evidência, a mulher *hausa* ganha a vida como vendedora e precisa pegar, diariamente, dois ônibus para chegar ao local de trabalho. Ao ser perguntada sobre a casa onde vive, a mulher responde: “Longe. Eu pegar dois ônibus” (Adichie, 2017, p. 60)¹², demonstrando a distância percorrida, em contraponto ao fato de a família de Chika possuir um motorista particular, além, evidentemente, da distância social entre as duas.

Desse modo, Chimamanda elabora discursivamente aspectos da pluralidade cultural, social e econômica da Nigéria, longe do paradigma eurocêntrico e homogeneizador que, muitas vezes, estrutura certas visões dos países do continente africano. A própria autora desenvolveu esse aspecto no livro-ensaio *O perigo de uma história única* (2009). Lembrando a experiência de morar fora da Nigéria, a escritora recupera a surpresa demonstrada pelas colegas ao ouvirem-a contar de sua família:

O que me impressionou foi: ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada. Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais (Adichie, 2009, p. 9).

Em “Uma experiência privada”, a pluralidade de pessoas e de histórias que habitam o país é figurativizada, por metonímia, na dupla de mulheres que protagonizam a narrativa. Apesar das fraturas sociais e do desconhecimento de uma para a outra, ambas as personagens se sentem agradecidas e confortadas por estarem juntas, compartilhando a mesma preocupação em relação aos familiares perdidos na confusão do confronto. Chika se perdeu de sua irmã e a muçulmana se perdeu de sua filha mais velha na correria do tumulto. Para Chika e sua irmã Nnedi, a violência crua das ruas é uma realidade distante, mediada por diversas reflexões críticas e teóricas, como percebe-se neste excerto do conto:

¹¹ She does not add that the handbag was a Burberry, an original one that her mother had bought on a recent trip to London (Adichie, 2010, p. 43).

¹² Far. I'm taking two buses (Adichie, 2010, p. 53).

Chika se pergunta se isso é tudo que a mulher pensa da onda de violência, se é apenas assim que a vê — como o mal. Ela queria que Nnedi estivesse ali. Imagina os olhos cor de cacau de Nnedi se iluminando, seus lábios se movendo depressa, explicando que as ondas de violência não acontecem do nada, que a religião e as etnias muitas vezes são politizadas porque o governante fica a salvo quando os governados famintos matam uns aos outros (Adichie, 2017, p. 55).¹³

O pensamento da personagem é disparado pelo contraste entre sua visão de mundo, proveniente de uma tradição familiar cristã, mas amparada em uma perspectiva racionalista e científica do mundo, enquanto a mulher *hausa* enxerga a realidade sob a lente religiosa. A princípio, essa diferença no ângulo de observação da vida poderia ser colocada em termos hierarquizados, contudo, percebemos que, na narrativa de Adichie, há o rompimento da visão dicotômica, uma vez que se inscrevem outras camadas na constituição cultural das personagens e, conseqüentemente, nos significados sociais por elas materializados.

Apesar de não possuir conhecimentos legitimados institucionalmente, é a senhora *hausa* quem conduz Chika para a loja em busca de proteção. A jovem, por sua vez, deixa-se conduzir pela mulher experiente. Afinal, a estudante nunca havia testemunhado um episódio violento como aquele, de maneira que não sabia ao certo onde se esconder. Tendo em vista a descrição da narrativa realizada, verticalizamos a análise de alguns traços postos em relevo na composição de “Uma experiência privada”.

4 Privacidade compartilhada

Até o momento, descrevemos o enredo e expusemos a temática da intolerância religiosa e da violência na cidade de Kano. Acompanhamos o olhar do narrador que, semelhante a uma câmera, capta cenas que ocorrem nas ruas em meio ao conflito. É nesse momento de violência extrema que as fronteiras delimitadoras dos grupos culturais são, simultaneamente, postas em relevo, devido ao ataque, e esfaceladas, na cumplicidade entre as duas sobreviventes, tendo em vista que as diferenças culturais são colocadas no conto como motivo para o estopim do confronto:

¹³ Chika wonders if that is all the woman thinks of the riots, if that is all she sees them as—evil. She wishes Nnedi were here. She imagines the cocoa brown of Nnedi’s eyes lighting up, her lips moving quickly explaining that riots do not happen in a vacuum, that religion and ethnicity are often politicized because the ruler is safe if the hungry ruled are killing one another (Adichie, 2010, p. 48).

As mãos de Chika ainda estão tremendo. Há apenas meia hora, ela estava no mercado com Nnedi. Estava comprando laranjas, Nnedi tinha se afastado um pouco para comprar amendoim, e então começaram a gritar em inglês, em pidgin, em hausa, em igbo: “Cuidado! Eles estão vindo, ô! Já mataram um homem!”. Então as pessoas ao redor dela desataram a correr, a se empurrar, a derrubar carrinhos cheios de inhames, deixando para trás vegetais amassados pelos quais tinham acabado de pechinchar intensamente. Chika sentiu o cheiro de suor e medo e correu também, atravessando ruas largas até chegar àquela estreita, que temeu — sentiu — ser perigosa, até ver a mulher (Adichie, 2017, p. 51-52).¹⁴

Em meio à multiplicidade linguística e cultural, irrompe o incidente disparador do encontro entre Chika e sua imprevista companheira. Deixando um pouco de lado o cenário de brutalidade no exterior da loja, passaremos a explorar o espaço interior do esconderijo onde se encontram as duas mulheres. Trataremos não somente do interior do cubículo, mas, sobretudo da interioridade das personagens. O tempo cronológico da narração daquilo que se passa do lado de fora da loja passa a ser substituído agora pelo tempo psicológico das duas personagens do lado de dentro.

O tempo da espera é preenchido pela conversa entre essas duas pessoas de origens diferentes. O que as une e faz com que permaneçam na loja é o medo. Nas ruas, a população desprotegida irá se deparar com o cenário de violência e morte. Dentro do abrigo, ambas estão seguras, entregues ao momento presente, ao tempo da incerteza e da espera.

Um aspecto importante a ser mencionado sobre essas duas mulheres é o fato de a autora nomear somente uma delas, Chika, ao passo que a muçulmana não recebe nome. Por que será que a autora decidiu deixá-la sem nome e sem voz? Por que somente Chika tem nome, voz e pensamento? Seria Chika, a cristã *igbo*, superior à muçulmana *hausa*? A primeira representaria a hegemonia enquanto que a segunda a minoria subjugada?

Certamente a escrita questionadora e politizada da autora levanta questões como essas, porém não nos alongamos a respeito delas. No lugar de reforçar as diferenças, compreendemos que a ficção de Adichie ressalta os conflitos e as

¹⁴ Chika’s hands are still trembling. Just half an hour ago, she was in the market with Nnedi. She was buying oranges and Nnedi had walked farther down to buy groundnuts and then there was shouting in English, in pidgin, in Hausa, in Igbo. “Riot! Trouble is coming, oh! They have killed a man!” Then people around her were running, pushing against one another, overturning wheelbarrows full of yams, leaving behind bruised vegetables they had just bargained hard for. Chika smelled the sweat and fear and she ran, too, across wide streets, into this narrow one, which she feared—felt—was dangerous, until she saw the woman (Adichie, 2010, p. 44-45).

contraposições para, em seguida, oferecer a possibilidade de conciliação entre os dois lados. A sensibilidade da escritora revela que o elo entre os homens, as nações, e os continentes deveria se fortalecer cada vez mais. Esse elo é sugerido de forma natural e sutil, no encontro de duas desconhecidas, por meio da gentileza e da ternura. Em vez de destacar a diferença entre ambas, o conto oferece a aproximação das duas personagens, cúmplices da mesma aflição, da mesma consternação. A experiência privada é demonstrada tanto no choro como na prece:

A mulher começa a chorar. Ela chora baixinho, com os ombros subindo e descendo em espasmos, sem os soluços altos das mulheres que Chika conhece do tipo que grita “Me abrace e me console porque eu não consigo lidar com isso sozinha”. O choro da mulher é privado, como se ela estivesse fazendo um ritual necessário que não envolve mais ninguém (Adichie, 2017, p. 58).¹⁵

A expressão de sentimentos da mulher muçulmana é limitada ao âmbito privado. No trecho acima, a senhora chora de aflição por ter perdido a sua filha Halima, no momento do tumulto do mercado. Chorar, assim como rezar, exige recolhimento por se tratar de uma emoção íntima que reclama um espaço próprio. Tanto as lamentações como as meditações requerem uma postura de isolamento:

A mulher lava desajeitadamente as mãos e o rosto na torneira e então tira o lenço do pescoço e o estende no chão. Chika desvia o olhar. Ela sabe que a mulher está de joelhos, virada para Meca, mas não observa. A prece é como o choro da mulher, uma experiência privada, e Chika lamenta não poder deixar a loja. Ou não poder, ela também, rezar acreditando num deus, ver uma presença onisciente no ar parado da loja (Adichie, 2017, p. 59).¹⁶

Ciente do momento íntimo e sagrado que a oração representa para a muçulmana, Chika se ressentia pelo fato de não poder deixá-la sozinha e sossegada durante o seu ritual particular. Ao mesmo tempo, sente uma espécie de comunhão com aquela senhora e, por um instante, numa espécie de confiança para si mesma, chega a desejar crer num Deus. O fato é que ambas vivenciam experiências privadas

¹⁵ The woman starts to cry. She cries quietly, her shoulders heaving up and down, not the kind of loud sobbing that the women Chika knows do, the kind that screams *Hold me and comfort me because I cannot deal with this alone*. The woman's crying is private, as though she is carrying out a necessary ritual that involves no one else (Adichie, 2010, p. 51).

¹⁶The woman clumsily washes her hands and face at the tap, then removes her scarf from her neck and places it down on the floor. Chika looks away. She knows the woman is on her knees, facing Mecca, but she does not look. It is like the woman's tears were a private experience, and she wishes that she could leave the store. Or that she, too, could pray, could believe in a god, see an omniscient presence in the stale air of the store (Adichie, 2010, p. 52).

dentro do pequeno abrigo. Chika ensina-lhe que a pomada de cacau é boa para pele ressecada. Já a senhora ensina-lhe a cuidar de um ferimento na perna: “ela molha uma ponta do lenço na torneira e limpa o corte na perna de Chika, amarrando o lenço molhado nele e dando um nó na altura da panturrilha” (Adichie, 2017, p. 61).¹⁷

Após o término do motim, ambas saem para a rua em segurança. Chika pergunta-lhe: “Posso ficar com o seu lenço?” (Adichie, p. 63, 2017).¹⁸ As duas se despedem e a mulher lhe entrega o lenço. Desse encontro ficarão as lembranças de duas pessoas que, mesmo vindas de religiões e etnias conflitantes, colocaram-se acima das diferenças e deram uma lição de ternura e irmandade.

Na conclusão de seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon produz uma reflexão sobre o homem, seja ele branco ou negro, seja ele adepto de uma religião ou de outra:

Todos os dois têm de se afastar das vozes desumanas de seus ancestrais respectivos, a fim de que nasça uma autêntica comunicação. Antes de se engajar na voz positiva, há a ser realizada uma tentativa de desalienação em prol da liberdade. Um homem, no início de sua existência, é sempre congestionado, envolvido pela contingência. A infelicidade do homem é ter sido criança (Fanon, 2008, p. 191).

Em meio ao leque de forças globais, bem como conflitos locais, faz-se necessário buscar o equilíbrio e rechaçar a perturbação de grupos que cerceiam a nossa liberdade. Seja por causa de nacionalismo, religião ou etnia, as zonas de combate devem ser arrefecidas para que haja uma interação verdadeira entre a identidade individual e o quadro geral da sociedade; do contrário, a humanidade viverá cada vez mais com a sensação de ter algo em volta de seu pescoço, dificultando sua respiração, seu sono, e impossibilitando-a de sonhar com um mundo menos desigual e mais justo.

5 Considerações finais

Ao finalizarmos este artigo, percebemos que a “experiência privada” das duas mulheres se universaliza. Com simplicidade e naturalidade, as personagens fizeram triunfar a harmonia e a concórdia vivenciadas na pequena e empoeirada loja vazia

¹⁷ She wets one end of her scarf at the tap and cleans the cut on Chika's leg, she ties the wet scarf around it, knotting it at the calf (Adichie, 2010, p. 54).

¹⁸ May I keep your scarf? (Adichie, 2010, p. 56).

onde passaram a noite. Isso não significa, no entanto, o apagamento dos contrastes que as constituem, uma vez que o encontro entre diferentes perspectivas sobre o mundo é representado sob uma chave de leitura positiva, baseado na busca pelo entendimento mútuo. De modo exemplar, ao constatar que a senhora *hausa* está com os mamilos ressecados, Chika forja uma narrativa capaz de acolher sua companheira na tentativa de estabelecer vínculos entre percursos de vida tão diferentes:

“Foi a mesma coisa com a minha mãe. Os mamilos rachados quando ela teve o sexto filho e ela não sabia por que, até que uma amiga lhe disse para passar hidratante.” Chika quase nunca mente, mas, nas poucas ocasiões em que o faz, tem sempre um motivo. Ela se pergunta qual será o motivo para essa mentira, essa necessidade de criar um passado fictício parecido com o da mulher. Ela e Nnedi são as únicas filhas de sua mãe. Além disso, sua mãe sempre teve à sua disposição o dr. Igbokwe, com seu diploma britânico e sua afetação (Adichie, 2017, p. 57).¹⁹

A jovem estudante e a senhora muçulmana, por algumas horas, deixaram de ser reféns de um passado. Ali eram simplesmente mulheres, como mãe e filha, conscientes do perigo: “lá fora tem perigo” (Adichie, 2017, p. 60).²⁰ A explosão do conflito na rua provocou o acaso do encontro entre duas pessoas que simplesmente se sensibilizaram com a situação uma da outra. Sem pensar em inferioridade nem superioridade, foram solidárias, autênticas e, mesmo diante da situação de clausura na pequenina loja, souberam aguardar confiantes pelo instante de liberdade. Não é por acaso que Chika vestia uma camiseta vermelha com a imagem da Estátua da Liberdade, liberdade esta ressaltada por Adichie ao afirmar em seu discurso *Sejamos todos feministas*: “É importante que comecemos a planejar um mundo diferente. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos” (Adichie, 2015, p. 28).

Na narrativa de Adichie, é flagrante o rompimento de uma visão dicotômica, geralmente orientada pela cisão maniqueísta entre personagens, entre grupos sociais ou pontos de vista. Nesse sentido, ela inscreve outras camadas na constituição das subjetividades. Por esse procedimento, outras coordenadas culturais e novos

¹⁹ “It was the same with my mother. Her nipples cracked when the sixth child came, and she didn’t know what caused it, until a friend told her that she had to moisturize,” Chika says. She hardly ever lies, but the few times she does, there is always a purpose behind the lie. She wonders what purpose this lie serves, this need to draw on a fictional past similar to the woman’s; she and Nnedi are her mother’s only children. Besides, her mother always had Dr. Igbokwe, with his British training and affectation, a phone call away (Adichie, 2010, p. 50).

²⁰ Outside is danger (Adichie, 2010, p. 52).

comportamentos sociais são materializados na construção dessas personagens. Ao final do conto, constatamos o sentimento de tolerância vivenciado tanto pela moça cristã como pela senhora muçulmana. A sensibilidade de ambas prevaleceu dentro do espaço compartilhado na loja abandonada. Se por um lado a mídia veicula a violência e a barbárie ocorridas no motim do mercado, Chika, por sua vez, mesmo vivendo o luto da perda de sua irmã, certamente guardará consigo a sutil lembrança de uma senhora desconhecida, que foi atenciosa com ela no instante mais crítico de sua vida.

Ao longo do último século, as relações humanas parecem ter sofrido mudanças significativas que abriram nossos olhos para um rastro de injustiças que compõem a história da humanidade. Ao mesmo tempo em que sentimos estar tão próximos uns dos outros por meio do avanço tecnológico, testemunhamos uma crescente segregação entre grupos. É como se a possibilidade de o indivíduo encontrar o acolhimento e o amor do outro estivesse se tornando cada vez mais remota na contemporaneidade.

Contudo, apesar dessa sensação de desamparo, precisamos apostar em favoráveis transformações sociais que atenuem a realidade humana que vem sendo historicamente marcada pela discriminação, seja de raça, religião, gênero, cultura, etnia e assim por diante. Essa transformação social requer uma luta contínua, uma intervenção constante no nosso cotidiano. Aqui, no conto analisado, essa transformação se dá no plano privado, na troca humana entre duas mulheres numa loja abandonada. Nesse sentido, a literatura já é um começo.

TWO WOMEN AND AN EXPERIENCE: CHIMAMANDA ADICHIE'S DUALISTIC NARRATIVE

Abstract: This article analyses the short story "A private experience" by Chimamanda Adichie, highlighting not only the author's narrative aesthetics, but also the themes addressed in her plots. The impasse between religions, cultures, countries and ethnicities is a constant mark in her stories. In the short story we chose for study, we privilege the encounter, the union and the tenderness of the human experience exchanged between the two characters. Instead of highlighting differences, this study advocates reconciliation between peoples and cultures, as stressed by the author herself in her fictions and essays. We follow the thoughts of Pascale Casanova, Frantz Fanon and Homi Bhabha which enlighten us about conflicting and antagonistic situations in contemporary society. The result of this study points to a possible mediation between individual identity and the general framework of society. In fact, the literary text connects what social reality insists on separating.

Keywords: narrative of conflict; private experience; reconciliation.

Referências

ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The thing around your neck*. New York: Anchor Books, 2010.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi: o perigo de uma única história. [S. l.]: The Ted Talks Channel, 2009. (19 min.), color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 04 maio 2023.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CASANOVA, Pascale. *A República mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

TOKARCZUK, OLGA. *Escrever é muito perigoso: ensaios e conferências*. São Paulo: Todavia, 2023.

Recebido em 17/05/2023

Aceito em 25/06/2024

Publicado em 28/06/2024